

A ideia de publicar um dossiê em “Educação e Saúde” surgiu da vontade e da necessidade de se compilar boas produções técnico-científicas sobre a temática, de profissionais-pesquisadores que estão atuando na interface com saberes e práticas educacionais para a promoção da saúde, e primando pela integralidade do cuidado. Este dossiê constitui-se num espaço de compartilhamento de conhecimentos e metodologias, de saberes e fazeres, de esforços integrados no aprofundamento do diálogo, da atuação acadêmica e profissional na melhoria da saúde coletiva.

Abrindo o dossiê, temos um primeiro bloco de estudos que apresenta sistematizações críticas e analíticas de experiências de Educação em Saúde em suas dimensões pedagógicas, de produção de práticas integrais de cuidado e formação de atores políticos. O artigo de Kamylla Pereira Borges, Marília Mendes Almeida e Bethânia Meireles traz uma reflexão sobre o aporte teórico da Educação Popular e suas contribuições ao campo do ensino e educação em saúde. A discussão apresentada pelas autoras sinaliza a necessidade de reformulação da formação dos profissionais de saúde, a partir da reflexão do pensar e fazer no campo da saúde visando à transformação social e emancipação dos sujeitos.

Nesta mesma linha, temos o trabalho de Gisely Vieira Batista, que discute a importância da participação social nos conselhos de saúde, atentando para a atual conjuntura neoliberal de restrição das políticas públicas, em especial, na política de saúde. A autora apresenta a discussão em torno da relação entre estado e sociedade civil e o controle social, aborda o controle social no contexto da política de saúde brasileira, trata da importância dos conselhos de saúde como instrumento de controle social e dos limites para o exercício do controle social direcionado aos interesses das classes subalternas.

Reinaldo Antonio Silva-Sobrinho e Adriana Zilly trazem o Sistema Único de Saúde à pauta de reflexão no terceiro artigo deste bloco. Mostram como o SUS foi, desde sua criação, acometido por crises políticas e econômicas que contribuíram para o avanço do modelo médico-assistencial privatista. Os autores defendem que as críticas dos usuários devem ser valorizadas e incentivadas para que se possa desenvolver

avaliações em saúde, que contribuam significativamente para o planejamento e qualificação da oferta de cuidados pelo sistema de saúde.

O segundo bloco, considera e discute a vertente da Educação em Saúde na interface com a formação de profissionais de saúde e a avaliação de experiências desenvolvidas em ambientes diversificados. Neste sentido, temos dois estudos: o de Aichele Teixeira Lis e Maria Lúcia Miranda Afonso que aborda formação e atuação do enfermeiro como educador na promoção da saúde no contexto hospitalar, e o de Kassia de Oliveira Martins Siqueira que aborda a relação entre práticas de saúde, práticas do assistente social e tecnologias de poder presentes nas subjetividades produzidas também no cotidiano hospitalar. Ambos os estudos mostram que a promoção da saúde deve estar presente nos diferentes níveis do Sistema de Saúde e contar com a boa formação profissional, o apoio das instituições e a participação dos usuários.

Outros dois artigos compõe o terceiro bloco: o de estudos teórico-empíricos sobre contribuições de diferentes abordagens metodológicas para Educação em Saúde com populações socialmente vulneráveis. Sandra de Azevedo Pinheiro, Rosa Maria Stefanini Macedo e Pollyana Cristina dos Santos Ferreira descrevem o desenvolvimento de ações universitárias em comunidade, voltadas para o ensino e promoção da saúde de crianças em condições de vulnerabilidade social. Samuel Andrade de Oliveira, Elisa Maria Bezerra Maia, Patrícia Mayumi Sakai, Marieta Fernandes Santos, Oscar Kenji Nihei e Marcos Augusto Moraes Arcoverde, descrevem as atividades de educação em saúde realizadas com crianças que vivem em instituições de acolhimento, e desenvolvidas em três eixos temáticos: Hábitos saudáveis, Alimentação saudável e Saúde bucal todas visando o ensino para a adoção de novos hábitos e mudança de comportamento.

E finalmente, fechando o dossiê, temos os estudos que analisaram diferentes estratégias metodológicas para promoção da saúde e adesão a ações de prevenção e tratamento. Rosane Meire Munhak Silva, Janine Isabel Silva Branco, Marcos Augusto Arcoverde e Lilian Lessa Cardoso avaliaram os efeitos do emprego de um material de apoio ao ensino de educação em saúde (cartilha, jogo de tabuleiro e DVD) sobre a aprendizagem das crianças de escolas municipais, quanto a higiene,

alimentação e prevenção de doenças. Ana Cristine Ruppenthal, Maria Rita Zoéga Soares e Renatha El Rafihi-Ferreira descreveram o processo de produção de um vídeo informativo sobre transplante renal. O emprego do vídeo, segundo as autoras, demonstrou efetividade quanto à adesão e possibilitou a inclusão de um maior número de pacientes no tratamento. Milena Calgaro, Cynthia Borges de Moura, Samantha Larissa Torres e Samuel Andrade de Oliveira mostram a importância do programa “Multiplicador Adolescente” como uma estratégia de educação sexual entre pares, e que foi até hoje, treze anos após sua implementação pelo Ministério da Saúde, pouco estudado quanto aos seus efeitos sobre a população adolescente a que se destina.

Resta dizer que a iniciativa, e agora a concretização deste dossiê, constitui-se apenas em um embrião, um projeto-piloto na área de pesquisa, produção e disseminação científica em Educação e Saúde. Uma área instigante, pronta a ser desvelada, em seus intrincados caminhos entre o ensinar e o aprender práticas de saúde. Práticas essas que se sejam efetivas o suficiente para que transformem hábitos e comportamentos, individuais e coletivos, e que promovam sorradeira ou abertamente, grandes mudanças na saúde na nossa população.

**Profa. Dra. Cynthia Borges de Moura**